

REFLEXÕES SOBRE O USO DO CORPO NA CAPOEIRA ANGOLA: TÉCNICA E CONHECIMENTO¹

Luís Felipe Cardoso Mont'mór (UFPB/Brasil)

Resumo: Este texto busca apresentar reflexões autoetnográficas (Jones; Adams; Ellis, 2016) de uma pesquisa de doutorado em andamento, que trata sobre a Capoeira Angola como uma tradição de conhecimento e seus processos sociotécnicos (Mura, 2011). Esta, sendo um gênero de arte marcial, se caracteriza por seus modos transacionais do conhecimento de modo performático (Barth, 2000), que devem obedecer a um estilo (Leroi-Gourhan, 2002) através de determinados usos dos movimentos corporais, que podem ser encarados como modos de ação política (Mura, 2011) representativos de indivíduos, que por sua vez integram uma tradição em seu devir (Simondon, 2020a; 2020b). A ideia, portanto, lançando mão do que foi exposto, é compartilhar as discussões parciais que resultam desta pesquisa, no que se refere então aos usos dos corpos e as técnicas desenvolvidas na prática em questão e como o pesquisador praticante/aprendiz, utilizando o seu corpo e a sua atenção (Wacquant, 2002; Ingold, 2010; 2020), pode passar a desenvolver reflexões críticas sobre os ritmos técnicos (Leroi-Gourhan 2002; 1984a; 1984b) e o conhecimento produzido para manifestação de um estilo de arte marcial.

Palavras-chave: Capoeira Angola; Técnica; Conhecimento.

1. Introdução

Com base na autoetnografia (Jones; Adams; Ellis, 2016), mas também em outras abordagens, que considero inclusivas a este perfil, como a própria Etnografia e a Antropologia como educação da atenção (Ingold, 2010; 2020), busco explorar a prática da Capoeira Angola enquanto uma tradição de conhecimento, a partir dos pressupostos de Barth (2000).

A Capoeira Angola é um gênero de arte marcial/luta desenvolvida no Brasil a partir do tráfico transatlântico de africanos (Rego, 1968; Soares, 1988-1999). Ela é uma tradição que possui distinções hierárquicas com base no conhecimento e status, contendo elementos também de dança e música. Desta maneira, enquanto um praticante (atualmente inativo), busco refletir, após dez anos de prática, sobre o meu aprendizado, tendo já pesquisado a tradição em momentos anteriores, sempre na condição de aprendiz. Procuo trazer ao debate, portanto, à noção de estilo conforme Leroi-Gourhan (2002) e a noção individuação, tendo em vista às técnicas corporais para produzir um tipo de tradição, entendendo-a como fazendo parte de um processo ontogenético, de acordo com Simondon (2020a; 2020b), de constantes operações técnicas em devir, a partir de distintas informações.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Sendo assim, como um discípulo aprendiz da prática, por meio da educação da atenção para utilização do corpo nos ambientes de aprendizado de uma arte marcial (Wacquant, 2002) da maneira considerada correta pela tradição, busco refletir sobre este como uma ferramenta de uso para uma expressão de um estilo político, acionando para tal as ideias de Mura (2011). Com isso, é possível considerar que um gênero de arte marcial pode ser desenvolvido e individuado a partir de uma relação sociotécnica entre especialistas e aprendizes, que devem ser educados para expressar determinado gênero.

Além disso, para que um jogo da Capoeira seja manifestado, ao invés de uma luta, é preciso que os corpos em relação se tornem um objeto técnico concreto (Simondon, 2020b), na medida em que não gerem mais um obstáculo um para o outro, mas consigam preservar a fluidez entre os movimentos, em conluio com a roda e a musicalidade expressada nos instrumentos e em correspondência com os corpos em ação.

2. Tradição de conhecimento; estilo e autoetnografia

A pertença a uma tradição de conhecimento, como sendo aquela que legitima a participação de uma pessoa em um grupo, convida à reflexão da prática não apenas em um sentido específico ao contexto de pesquisa e reservado ao intelecto, mas fazendo uso da educação da atenção, práticas e percepções no ambiente de transação de conhecimento entre aprendizes e especialistas (Ingold, 2010; 2020; Jones; Adams; Ellis, 2016; Barth, 2000) de modo reflexivo, crítico e sensível. Desta maneira, é possível evocar relações subjetivas e de aprendizados que dizem respeito à experiência vivida e sentida no contexto de prática e pesquisa. Estas estão aqui situadas como fazendo parte da minha condição de aprendiz ao longo de dez anos de prática.

Essas visões subjetivas, a partir da utilização do próprio corpo como meio de aquisição de conhecimento, e como vai tratar Wacquant (2002), a aquisição de um *habitus*, não faz com que uma pesquisa deste gênero deixe de carregar questões pertinentes para uma reflexão Antropológica e da subjetividade autoetnográfica. Penso que essas propostas possam se unir para a elaboração de uma reflexão profícua sobre o aprendizado e o conhecimento, tanto na tradição quanto antropológico, a partir do debate entre diferentes linhas teóricas.

Tendo em vista às proposições de Wacquant (2013), quando este pesquisou as artes marciais estava mais interessado nos problemas de raça, periferia e classe, observando os *habitus* do corpo como um elemento abaixo da consciência. Além disso, ele coloca que a sua pesquisa não estava interessada em entrar nas questões subjetivas do pesquisador; mas pensar na academia de boxe como uma forja social e moral.

O que ocorre na autoetnografia, que proponho para esta pesquisa, é que a subjetividade, ao contrário, além de ser valorizada é uma fonte de produção de conhecimento etnográfico e antropológico importante. Não há uma preocupação em excluí-la e pôr o corpo apenas em prol de um experimento, como propôs Wacquant (2013). O corpo, para esta pesquisa deve carregar também às subjetividades do pesquisador, tendo em vista as facilidades e dificuldades que ele enfrenta para desenvolver um estilo, a partir de uma relação sociotécnica de aprendizado. O que se aproxima das pesquisas do autor, e que vejo como inclusivo, além da temática de pesquisa escolhida por ele, é a valorização do uso do corpo para a aquisição e vetor de conhecimento e o que diferencia de sua abordagem é o não desprezo da subjetividade como produtiva.

Jones (2016), chama a atenção para o fato de a autoetnografia propor uma “escrita pessoal performativa”, que indica uma maneira de estar no mundo de modo consciente, emocional e reflexivo. Se trata, além disso, de tecer críticas culturais propositalmente, contribuindo para pesquisas já existentes e abraçando a vulnerabilidade do pesquisador. Um relacionamento com o público leitor assim também deve fazer parte desta produção (Jones; Adams; Ellis, 2016). Penso que essa proposição pode ser posta em paralelo às de Ingold (2010; 2020), por colocar em evidência capacidades perceptivas da consciência.

Com isso, procuro refletir sobre como durante o tempo em que estive submetido ao sistema de aprendizagem da Capoeira Angola pude entender como a aquisição de habilidades técnicas se ligam a um modo de operação técnica (Simondon, 2020a), pensando aqui às técnicas corporais (Mauss, 2017). Desta maneira, para que um estilo seja desenvolvido é necessário o treinamento prático, atendendo aos ritmos técnicos de especialistas mais experientes na tradição, que atuam de maneira performática (Barth, 2000; 1987).

Os treinamentos fazem parte do modo de ser capoeirista, tanto para que a atividade se mantenha, através da relação de ensino-aprendizagem, como para a manutenção monetária dos especialistas que possuem alunos (noção comum de trabalho entre os capoeiristas). Esta relação atesta o status do especialista transacionador do conhecimento e da possível melhora do desempenho técnico de seus discípulos, efetivando assim suas habilidades de transacionador e a distribuição do conhecimento pelo espaço geográfico, a partir do momento em que os discípulos sejam capazes de reproduzir o gênero do conhecimento que é transacionado, sob o manejo das técnicas específicas.

Sendo assim, atender a um ritmo técnico de um especialista é também estar disposto a seguir ritmos que não são necessariamente parte do ritmo do discípulo, como frequência e intensidade de treinos, o que implica a necessidade da mudança de hábitos que possam dificultar o progresso e o desenvolvimento das habilidades e conduzir a evolução do praticante. A relação entre especialistas e aprendizes vai determinar então essa evolução, a partir das habilidades desenvolvidas e do sucesso afetivo desta relação.

Tal contexto não impede, porém, que distintas personalidades e habilidades existam na tradição de conhecimento, fazendo com que existam distintos tipos de jogadores, de distintas habilidades e maneiras de lidar com a tradição a seu modo.

Sobre o ritmo e estilo, Leroi-Gourhan (2002) afirma que o primeiro serve para imprimir à tradição aos dados biológicos, no que se refere ao ritmo social e à rotina. Estes desenvolvem ainda uma “cadeia operatória”, nem totalmente lúcida nem totalmente pré-programada, por isso a necessidade da educação. A educação coaduna com o modo de fazer com que uma tendência ou devir se torne um fato (Leroi-Gourhan, 1984a; Simondon, 2020b), que pode ser entendido como um corpo comum que passa, por meio da educação como uma operação técnica e treinamento, a manifestar um corpo capoeirista. Mas não só um corpo, uma compreensão de estar no mundo e pensá-lo.

Com relação ao estilo, segundo ainda Leroi-Gourhan (2002), este pode ser entendido como uma forma específica que uma comunidade desenvolve suas técnicas, com relação aos ritmos, assim como os valores integrados a estes. Embora para ele as danças e exercícios físicos são uma quebra da rotina do ritmo social e fisiológico, é possível dizer que essas atividades também possuem seus ritmos, a partir do momento em que manifestam estilos e características comunitárias e desportistas, que é como se encontra atualmente a Capoeira Angola.

Figura 1 – Treino coletivo



Fonte: Angola Comunidade (2017) Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2372853786075769&set=a.2365128603514954>

Acesso em: 25 jun. 2024.

Mura (2011), ao tratar do “contexto sócio-ecológico-territorial” procurará abarcar os modos políticos de ações dos indivíduos influenciados pelo meio, a partir das escolhas destes, que dependerá por sua vez de seus repertórios de possibilidades para a ação, a partir das técnicas de uso de objetos em determinado ambiente e contexto.

Tal importância contextual para a estética e a política também é tratada por Leroi-Gourhan (1984b), que vai levar em consideração este fator, que dá corpo e personalidade aos gestos, que a princípio são de caráter orgânicos. Um corpo não político, portanto, torna-se, via devir e operação técnica (Simondon, 2020a), expressão de uma identidade coletiva. Assim, os grupos vão se diferenciar a partir de meios internos e externos, e sendo possível acrescentar, a partir de suas fronteiras de atuação (Barth, 2000). Na Capoeira Angola é por meio das rodas e eventos que os diferentes grupos se encontram e estabelecem trocas técnicas com base em suas diferenças, colocando em movimento uma comunicação profícua para novos devires.

Com isso, proponho que a tradição da Capoeira Angola atua sob esta mesma lógica, em que um ritmo e uma estética é desenvolvida pelo grupo e seus especialistas mais experientes a partir de uma relação pautada pela afetividade (Almeida, 2023) e à linhagem ancestral de conhecimentos (Brito, 2015; Almeida, 2023), que confere valor e pertencimento social nas relações de ensino-aprendizagem práticas. Sendo assim, é possível agora refletir sobre a questão que me proponho mais detidamente, que é o uso técnico do corpo para o desenvolvimento de um estilo.

Figura 2 – Roda de Capoeira Angola



Fonte: Acervo Pessoal (2021)

3. Reflexões sobre o uso do corpo para desenvolvimento de um estilo

A partir de então, encara-se aqui a reflexão sobre o uso político do corpo na tradição da Capoeira Angola. Para que se adquira uma habilidade necessária em que se expresse um estilo, é preciso que o capoeirista na tradição possua uma vivência atenta às sequências de movimentos necessários para caracterizá-lo. Esses podem estar ligados a mestres mais antigos e reconhecidos como ancestrais legítimos do gênero. Esses movimentos, por sua vez, são transacionados por especialistas na tradição, que atuam por meio da performance, levando o conhecimento adiante e expandindo fronteiras de atuação (Barth, 2000).

Sendo assim o discípulo é levado, por meio da educação da atenção (Ingold, 2020; 2010) a desenvolver os modos perceptivos no ambiente, que possam fazer com que ele consiga decifrar os enigmas do jogo, a partir do instante em que evolui em seus sentidos e em suas qualidades físicas, psíquicas e motoras. Trata-se, neste caso, de uma modificação fisiológica e cognoscível.

É possível dizer que há um desenvolvimento do ser para que se torne um indivíduo que manifeste a tradição de conhecimento, para utilizar os termos de Almeida (2023), que pesquisou sobre uma arte marcial chinesa. Esta manifestação deve se dar por operações técnicas sucessivas (Simondon, 2020a). A partir da disponibilidade de um corpo em treinamento, o capoeirista deverá desenvolver aquelas sequências de movimentos de uma determinada maneira, caracterizando um estilo de ritmo comunitário.

Figura 3 – Treino de movimentação



Fonte: Acervo Pessoal (2023)

Considerando, na prática em questão, as linhagens ancestrais, o aprendiz deve utilizar técnicas que foram transacionadas de geração à geração, por meio de uma escolha que é considerada pela tradição como sendo mais prestigiosa e eficaz (Mauss, 2017). Deste modo, os praticantes se mantêm fiéis ao estilo técnico do jogo que deve ser executado, pelo menos idealmente de modo similar, considerando as variações grupais e individuais daquela mesma identidade, a partir das capacidades corporais de cada praticante. De outra maneira:

As manifestações operatórias do homem, inscrevem-se portanto num fundo instintivo muito importante, constituído simultaneamente por dispositivos de regulação das pulsões orgânicas profundas, comuns a todos os indivíduos, e por dispositivos apropriados, que podem apresentar variações sensíveis de pormenor de um indivíduo para outro (Leroi-Gourhan, 2002, p. 19).

A tradição cultural da Capoeira Angola, assim, deve demonstrar sinais de diferenças, em contato com outras tradições distintas, de modo semelhante à manifestação de uma identidade conforme assinalada por Barth (2000), a partir de vestimentas, performances e habilidades. No interior do próprio sistema de aprendizado, tendo em vista às personalidades dos especialistas transacionadores mais habilidosos, a mesma tradição pode se modificar sutilmente e apresentar variações regionais, conforme também observou Barth (1987).

Tomando como exemplo uma aula do mestre Cobra Mansa, vivenciada por mim em agosto de 2023, ele diz que primeiro o capoeirista se encontra na escuridão,

posteriormente deve se tornar água e por conseguinte ter a capacidade daquele que vê por meio de uma bola de cristal, ou seja, prevê os movimentos do parceiro de jogo. A partir do momento em que os dois parceiros de jogo possuem a bola de cristal o jogo pode se tornar mais complexo, já que a bola de cristal, como a capacidade de ver passará das mãos de um para outro, sendo esses capoeiristas mais habilidosos por terem desenvolvido esta capacidade da previsão e jogo se tornando então mais complexo.

O diálogo corporal pode se tornar mais complexo na medida em que os dois jogadores se encontram em um desenvolvimento perceptivo avançado de previsão, sugestão e repertório de possibilidades (Mura, 2011), a partir da desenvoltura que conseguiram atingir com seus corpos.

A ideia da bola de cristal, lançada pelo mestre, pode ser aqui entendida como um treinamento técnico para a previsão do devir e da tendência técnica, pertinente aos movimentos corporais do jogo (Leroi-Gourhan, 1984a; Simondon, 2020a) e suas combinações-surpresa. Portanto, evitar as surpresas e conseguir propô-las, enquanto dificuldade ao outro vai conferir, na disputa do jogo, vantagens e a confirmação do capoeirista mais habilidoso e eficaz, sendo então aquele que consegue combinar diversos elementos da prática em prol da sua eficácia.

Sobre a capacidade da visão, Zonzon (2019) já assinalou como sendo uma característica pontual da Capoeira Angola, embora eu considere a dificuldade de distinguir os estilos por percepções específicas e embora ela mesma assuma essa dificuldade esquemática, a utilizou no sentido de traduzir suas percepções em cada estilo de capoeira que experimentou para sua pesquisa, no seu caso – a *Angola* e a *Regional*. Sendo assim, o conteúdo político negro e valorização da África como lugar de pertencimento dos ancestrais também pode ser visto como um fator do discurso angoleiro, que faz com que o estilo de manifeste a partir de vestimentas, penteados e adereços que permitem que não só habilidades corporais, mas também estilísticas possam ser elencadas a partir de uma escolha que inclusive é pautada por discursos tradicionalistas.

Ao longo do tempo, portanto, após dez anos de prática e atualmente inativo com relação aos treinos da Capoeira Angola, foi possível entender que para que um estilo seja manifestado através do uso do corpo é necessário um treinamento, uma educação corporal atenta e perceptiva via imitação, mas ao mesmo tempo uma assimilação solitária e reflexiva que faça com que cada indivíduo manifeste o estilo com o seu próprio corpo e a partir do seu desenvolvimento, demonstrando uma diversidade e um modo variado de

praticar o mesmo gênero e pertencer a mesma comunidade, apesar dos sinais comuns refletirem um padrão cultural de frequente transação pela educação.

São, neste sentido, performance comuns transacionadas ao longo do tempo por ancestrais do conhecimento que, ao serem repetidas continuam a fazer com que o estilo exista enquanto sua individuação (Simondon, 2020a). As operações técnicas, o saber fazer e o entendimento dos fundamentos dos mais velhos podem ser entendidos como modos, portanto, de ser um angoleiro. Com isso, é possível também apontar para as dificuldades que é assumir uma identidade performática em uma tradição de conhecimento, visto que exige um treinamento muitas vezes constantes e excessivos, proposto por praticantes mais engajados e seus ritmos. Além disso, a relação com os especialistas mais experientes deve ser de sucesso, por serem relações rígidas e hierárquicas.²

Muitas vezes, portanto, pude sentir dificuldade em acompanhar os ritmos de treino dos capoeiristas mais experientes e pude entender também os diversos status que podem ser ocupados na tradição, sendo um deles apenas a performance do jogo, na roda ou na instrumentação musical, mas também maneiras políticas de atuação externa e ajuda material na manutenção dos grupos e relação com os seus especialistas. A abertura de trabalho, ter alunos ou a capoeira como um modo de rentabilidade são maneiras que atuam para além, mas também em paralelo com uma performance satisfatória na roda.

A minha inatividade na prática, atualmente, se deu por um certo cansaço e, depois desses anos não conseguir constituir tal atividade como relacionada a um valor fundamental, nem como uma maneira de trabalho, que apareciam de modo mais consistente, nem mais como um modo de lazer, sentindo então que os esforços para manutenção de minha performance ficaram cada vez mais flutuantes com relação ao sentido dado por mim mesmo. Nas próprias pesquisas de Wacquant (2002), é possível ver que o autor por muitas vezes se via em questionamentos sobre se tornar um praticante e ser um pesquisador (não que essas tarefas sejam impossíveis de conciliar).

Além disso, a relação de competitividade que permeia a tradição e os equilíbrios de status passaram a ser um fator considerável para meu momento subjetivo atual, tendo então me dedicado mais às práticas solitárias da musculação, que não exigem um atendimento tão rígido a um ritmo técnico comunitário de especialistas em uma relação

² Sobre as relações ou não de sucesso entre mestres e discípulos ver Varela (2021).

performática de ensino-aprendizagem, fazendo com que eu tenha que atender apenas aos meus ritmos de intensidade de treino.

Outros fatores pertinentes, como na ocasião em que iniciei na Capoeira Angola, que foi a tentativa da busca por uma prática esportiva que uniria o aprendizado de uma defesa pessoal e o conhecimento de uma espiritualidade afroameríndia e ancestral deixaram de ser um fator preponderante, já que com o passar do tempo pude experienciar por meio de vivências e pesquisas acadêmicas suficientemente a interconexão entre essas tradições e me interessar menos por seus aspectos iniciáticos e místicos, que implica na mudança de status e estudos práticos no seu interior.

A Capoeira, em seu longo e interminável processo de aprendizagem, como apregoam os mestres, atua como uma espécie de peneira, em que o praticante deve se esforçar ao longo do tempo para se manter na prática, independente das intempéries, conquistando novos status a partir da experiência. Geralmente, a pausa na prática ou sua irregularidade é vista de maneira crítica. No entanto, percebo que a não linearidade na história de aprendizado e relação com a tradição de conhecimento se faz presente em muitos dos especialistas que tive contato, o que se constitui como um fator comum.

Considerações finais

Busquei neste texto fazer uma breve reflexão, a partir de pressupostos antropológicos, sociológicos, entográficos e autoetnográficos, sobre o corpo e seu uso para fins de desenvolvimento de um estilo de uma arte marcial, no caso a Capoeira Angola. Para isso, pude lançar mão de minhas próprias experiências de pesquisas e na prática de ensino-aprendizagem na tradição de conhecimento, para assim refletir sobre o desenvolvimento de um estilo de modo ontogenético (Simondon, 2020a), em que é preciso o trabalho contínuo para a educação da atenção (Ingold, 2010; 2010), desenvolvendo novas percepções e habilidades cognitivas e práticas para que tal estilo tradicional seja operado de modo eficaz.

Desta forma, tenho refletido sobre o ambiente de prática enquanto uma aprendiz e pesquisador acadêmico, para assim tentar, a partir dessas reflexões estabelecer um conluio entre a Antropologia da técnica e do conhecimento, refletindo às relações sociais entre indivíduos na tradição em contexto sociotécnico (Mura, 2011), em que se relacionam indivíduos em diferentes posições hierárquicas. Sendo assim, a subjetividade e a minha posição enquanto aprendiz são evidenciadas enquanto produção do conhecimento e sua problematização cultural crítica na presente pesquisa, onde busquei também dialogar com outros trabalhos sobre a temática.

Assim, é na relação de ensino e aprendizagem, entre sujeitos e objetos da ação em performante (Almeida, 2023; Barth, 2000; Mura, 2011; 2017), que os indivíduos poderão desenvolver a tradição de modo eficaz, sempre em operação técnica contínua no ambiente. Assim, os grupos e especialistas na tradição desenvolvem, a partir de seu meio interno (Leroi-Gourhan, 2002; 1884b) ritmos e contrastes técnicos, modificando suas qualidades orgânicas para o atendimento de constrangimentos sociais e ambientais para manter tal gênero de atividade em ação.

A minha subjetividade enquanto praticante e pesquisador também se mostraram pertinentes em uma escrita que buscou desenvolver para o leitor a compreensão do que é praticar um determinado estilo de arte marcial e a sua manutenção através de operações técnicas e transação de conhecimento em um lugar de aprendiz, tendo em vista de que é assim que a tradição se difunde e expande às suas fronteiras. A não linearidade ou abandono da prática podem ser fatores que levem à uma reflexão comum sobre o aprendizado e pertencimento a uma tradição de conhecimento e seu processo de devir ontogenético.

Referências

- ALMEIDA, Gabriel Guarino Sant'Anna Lima de. **Ressonâncias de uma arte do punho: uma etnografia da aprendizagem de Chen Shi Taijiquan na diáspora chinesa da cidade de São Paulo (Brasil)**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2023.
- BARTH, Fedrik. **Cosmologies in the making: A generative approach to cultural variation in inner New Guinea**. Cambridge University Press, 1987.
- _____. O guru e o iniciador: transações de conhecimento e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na Melanésia. *In: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 25-69.
- BRITO, Celso de. **O processo de transnacionalização da capoeira angola: Uma etnografia sobre a geoeconomia nativa**. 315f. Dissertação (Mestrado) Programa de pós-graduação em Antropologia Social, UFRS, Porto Alegre, 2015.
- INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- _____. Da transmissão de representações a educação da atenção. *In: Educação*, Porto Alegre, v. 33, n 1, p. 6-15, Jan./Abr. 2010. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>> Acesso em 15 Marc 2023.
- _____. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2015.
- JONES, Stacy Holman; Tony E, Adams; ELLIS, Carolyn (Org). **Handbook of autoethnography**. New York, Routledge, 2016.
- LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra I: Técnica e Linguagem. Perspectiva do homem**. Edições 70, Lisboa, 2002.
- _____. **Evolução e técnicas I – O homem e a matéria**. Edições 70: Lisboa, 1984.

_____. **Evolução e técnicas II: O meio e as técnicas.** Perspectiva do homem. Edições 70: Lisboa, 1984.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *In: Sociologia e Antropologia.* São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 421-441.

MURA, Fabio. “De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da técnica e da tecnologia”. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 36, p. 95-125, 2011.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ha/a/8MLhkYcSBtqwBH6b796LWkp/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em 15 marc. 2023.

_____. “De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de Antropologia da técnica e da tecnologia”. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 36, p. 95-125, 2011.

Disponível em

<<https://www.scielo.br/j/ha/a/8MLhkYcSBtqwBH6b796LWkp/?format=pdf&lang=pt>>

Acesso em 15 marc. 2023.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico.** Salvador: Itapuã, 1968.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação.** Editora 34, São Paulo – SP, 2020.

_____. **Do modo de existência dos objetos técnicos.** Contraponto, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

SOARES, Carlos. Eugênio. Líbano. A Capoeiragem Baiana na Corte Imperial (1863-1890). **Afro-Asia.** n. 21-22. p. 147-176, 1998-1999. Disponível em:

<http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p147.pdf > Acesso em: 19 ago. 2014.

VARELA, Sergio Gonzáles. Aprendiendo con el cuerpo y más allá del cuerpo: la enseñanza de la *capoeira* angola y la importancia de la relación *Mestre*-alumno. **Revista Educação Online.** Rio de Janeiro, n. 38, set-dez. p. 41-46, 2021.

WACQUANT, Loïc J. D. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de box.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *Habitus as Topic and Tool: Reflections on Becoming a Prizefighter.* In: GARCÍA, Raúl Sánchez; DALE, C. Spencer (Org). **Fighting Sholars: Habitus and Ethnographies of Martial Arts and Combat Sports.** London, New York: Anthem Press, 2013.

_____. *Homines in Extremis: What Fighting Scholars Teach Us about Habitus.* In: GARCÍA, Raúl Sánchez; DALE, C. Spencer (Org). **Fighting Sholars: Habitus and Ethnographies of Martial Arts and Combat Sports.** London, New York: Anthem Press, 2013.

ZONZON, Christine Nicole. **Nas rodas da capoeira e da vida: Corpo, experiência e tradição.** 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2019.